

Falácias acadêmicas, 15: o modo repetitivo de produção do marxismo vulgar no Brasil

Paulo Roberto de Almeida*

Resumo: Descrição do fenômeno da degeneração do marxismo em universidades brasileiras, mediante o acúmulo de pastiches de má qualidade da obra original, o que resulta na emergência de um “modo repetitivo de produção”, consistindo na assemblagem de slogans derivados da fonte inicial, mas sem qualquer conexão com a realidade do mundo corrente. Exposição das falácias mais comuns nesse tipo de vulgarização, que constitui uma contrafação do verdadeiro marxismo.

Palavras-chave: Marxismo, capitalismo, imperialismo, alienação acadêmica, falácia.

1. Uma falácia persistente: a deformação do marxismo nas academias

Existe, no mundo acadêmico das humanidades – em especial na América Latina e, com certa ênfase, no Brasil –, uma categoria de repetidores mecânicos do marxismo, basicamente superficiais, que jamais deveriam merecer qualquer inclusão nessa escola de pensamento, que é ainda funcional para fins da moderna teoria social. Eles são os atuais representantes daqueles papagaios de pirata já imortalizados no cinema e na literatura: ficam em cima dos ombros de algum personagem principal, captam algumas migalhas de seu pensamento – pescadas em manuais de segunda mão – e se contentam em repetir slogans de fácil memorização: luta de classes, exploração, burguesia, imperialismo, mais-valia, acumulação ampliada, e assim segue, numa repetição infinita que chega a ser enfadonha. O que poderia ser tolerado em romances de aventura fica, no entanto, mais problemático quando se trata de trabalho intelectual que deveria ser,

supostamente, de qualidade. Este é o quadro que encontramos hoje em várias faculdades brasileiras de humanidades, geralmente nas públicas, mas em várias privadas também.

Tenho encontrado vários representantes do gênero, tanto em minhas andanças e lides acadêmicas, quanto em contato com estudantes (alguns desesperados), que me escrevem para reclamar de alguns desses papagaios de pirata que ficam despejando conceitos abstratos sobre essa classe de passivos ouvintes, obrigados a conviver com o que se poderia chamar de “marquissismo” vulgar. Cabe, no entanto, antes de qualquer análise mais detalhada desse lamentável fenômeno típico da mediocrização crescente de nossas academias,¹ distinguir formalmente os

¹ A questão da decadência intelectual no ramo das humanidades das universidades brasileiras já foi tema de um artigo meu: “A Ignorância Letrada: ensaio sobre a mediocrização do ambiente acadêmico”, *Espaço Acadêmico* (n. 111, agosto 2010, p. 120-127; link: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/10774/5859>).

papagaios repetidores dos verdadeiros representantes da espécie: é o que fazemos numa primeira seção, dedicando as seções subsequentes à listagem dos slogans mais frequentes e fornecendo algumas evidências sobre esse tipo de prática, que pode ser enquadrado na categoria mais geral da desonestidade intelectual (ou da ingenuidade inculta, pura e simples).

O que fazem, o que pregam e o que praticam os atuais representantes universitários dos antigos papagaios de piratas não deixa de constituir aquilo que já foi chamado de “falácias acadêmicas”, ou seja, equívocos conceituais e erros de lógica elementar, que se situam no seguimento de uma série já longa (mas, ainda assim, apenas em seu início) dedicada às falácias mais comuns nesse meio.² Que fique claro, portanto, que o que está em causa aqui não é o marxismo, enquanto tal, ou seja, a eventual validade heurística da metodologia materialista para fins analíticos – embora isso possa ser igualmente objeto de críticas epistemológicas –, mas a contrafação do marxismo, ou sua utilização de modo primário e superficial nas “análises” acadêmicas de baixa qualificação substantiva.

2. Marxistas e “marquissistas”: duas espécies, de duas classes diferentes

Seria útil, portanto, antes de examinar a segunda espécie, ou seja, os praticantes do que foi chamado de “modo repetitivo de produção”, reconhecer os méritos analíticos da velha escola de pensamento, que continua ainda a prestar bons serviços à academia de boa qualidade, como nos prova ainda um sociólogo que muitos dos repetidores

colocariam no campo dos pensadores de “direita”; trata-se de Raymond Aron, especificamente em sua obra sobre o marxismo de Marx.³ Antes que algum desses repetidores mecânicos pense em descartar Aron como um mero representante do pensamento conservador, caberia lembrar que ele foi um arguto analista de Marx e, no plano econômico, dizia ser um “keynesiano com alguma nostalgia do liberalismo econômico”, querendo dizer com isso que achava inevitável, nas sociedades abertas da modernidade, um papel significativo para o Estado no ordenamento econômico e social.

A missão principal de Raymond Aron, durante toda a sua vida de intelectual, foi a defesa da ordem liberal clássica – ou seja, das modernas economias de mercado e das democracias formais – contra a ameaça de sovietação da Europa ocidental, bastante real na época da Guerra Fria. Liberdades democráticas e propriedade privada eram os pilares dessa ordem, como ele não deixou de sublinhar em vários escritos seus, cabendo também registrar seus demais trabalhos de natureza geopolítica, sobre o equilíbrio do terror nos enfrentamentos bipolares da era nuclear. Visto em retrospecto, ou seja, pelo registro dos experimentos do socialismo real na parte centro-oriental do continente, a disseminação do modelo socialista soviético ao conjunto da Europa só poderia prometer aquilo que foi servido aos povos cominados do leste europeu: um regime de penúrias materiais, de controle absoluto sobre as vidas privadas, uma ordem totalitária, de ausência completa das liberdades mais elementares, enfim, um sistema

²Para a lista dos estudos de caso já efetuados na rubrica das falácias acadêmicas ver este link: <http://www.pralmeida.org/05DocsPRA/FalaciasSerie.html>.

³ Cf. Raymond Aron, *Le Marxisme de Marx* (Paris: Fallois, 2002); ver referências bibliográficas completas sobre algumas obras desse autor ao final deste ensaio.

baseado na mentira, na fraude intelectual e na coerção física dos indivíduos (sem que seja preciso mencionar novamente os milhões de mortos produzidos ao longo do tempo).

Curioso que tendo em vista toda essa materialidade atualmente disponível para quem deseje se informar, tantos papagaios repetidores do marxismo vulgar no Brasil continuem a defender não apenas o socialismo histórico, enquanto sistema econômico e social possível, mas também seu pequeno avatar numa ilha do Caribe, que só trouxe miséria, repressão e sofrimento aos seus habitantes.⁴ Aparentemente, esses papagaios distraídos ficaram na janela contemplando a estratosfera, enquanto a história real se desenrolava no mundo real, sem qualquer reflexo em suas digressões abstratas: queda do muro de Berlim, derrocada do socialismo e da União Soviética, marcha acelerada em direção ao capitalismo na China, eleições em todas as partes e crescente perda de legitimidade das poucas ditaduras remanescentes em alguns cantos do mundo (tanto é que ditadores potenciais precisam “fabricar” eleições e plebiscitos para justificar seus regimes autoritários). Nada disso parece abalar ou mudar convicções arraigadas, o que

denota mais um problema psicológico do que propriamente uma reflexão embasada nos dados da realidade, enfim, aquilo que Raymond Aron chamou, já em 1955, de “ópio dos intelectuais”: parece que, apesar de tudo o que se passou, a droga continua ativa.

Marxistas acadêmicos são aqueles que, com base nos conceitos fundamentais do pensamento marxiano, estariam em condições de oferecer análises fundamentadas e originais sobre as questões mais relevantes de seu tempo e de suas sociedades, retomando, com certo rigor analítico, a tradição das grandes sínteses interpretativas que Marx operou, depois de muito estudo e muita pesquisa – e alguma liberdade imaginativa também –, em relação aos problemas do capitalismo de sua época, ou seja, o industrialismo de tipo manchesteriano de meados do século 19. Algo nesse sentido foi também intentado por Kautsky, em relação ao problema agrário na Alemanha imperial, ou por Lênin, para a transição do agrarismo ao industrialismo na Rússia do final do século 19. Estes são, obviamente, os chamados “clássicos” do marxismo e não vale insistir sobre sua obra, bastante conhecida e lida (por marxistas inteligentes).

Marxistas, ainda, são alguns historiadores do início do século 20, que reinterpretaram a história passada – mediata e imediata – à luz dos conceitos fundamentais do materialismo histórico, a exemplo de Charles Beard – que nos legou, em 1913, uma *Economic Interpretation of the Constitution*, analisando o congresso constitucional americano não em termos das ideias políticas dos “pais fundadores”, mas de suas posições econômicas e interesses materiais; ou Maurice Dobb, que tentou explicar a transição do feudalismo ao capitalismo, na Europa, com base quase

⁴ Critiquei a inexplicável e a indesculpável cegueira dos amigos brasileiros de uma das mais antigas, e mais resistentes, ditaduras do planeta neste artigo: “A História não o Absolverá: Fidel Castro e seus amigos brasileiros: um caso de renúncia à inteligência?”, *Espaço Acadêmico* (ano 6, nº 64, setembro 2006; link: http://www.espacoacademico.com.br/064/64alm_eida.htm). Voltei ao assunto da revolução cubana, e aos mitos sobre ela entretidos, neste artigo: “Falácias acadêmicas, 6: o mito da Revolução Cubana”, *Espaço Acadêmico* (n. 94, março 2009; link: <http://www.espacoacademico.com.br/094/94espra.htm>).

que inteiramente no modelo marxista da transição, caminho interpretativo seguido também por outros historiadores marxistas ingleses, como Edward Thompson (*The Making of the English Working Class*, 1963) ou Eric J. Hobsbawm, autor de muitas sínteses históricas abordando desde os primórdios da revolução industrial até o capitalismo e o imperialismo modernos, que ainda fazem sucesso entre os acadêmicos. Na tradição americana, relativamente distante dos modismos europeus, alguns se distinguiram no marxismo de boa qualidade, como Paul Sweezy (e seus estudos sobre o capitalismo monopolista), Wright Mills (análises sobre a estrutura de classes americana), ou ainda André Gunder Frank e Immanuel Wallerstein, com trabalhos históricos de largo escopo sobre o desenvolvimento da economia do sistema-mundo (modelo analítico que também seduziu sociólogos históricos como Giovanni Arrighi).

O que se observa, no Brasil, é, mais usualmente, a tribo dos “marquissistas”, os papagaios de pirata, acadêmicos sem pesquisa e sem análises contextualizadas – menos ainda baseadas em dados econômicos reais ou em observação direta da realidade –, que ficam repetindo slogans a partir de algumas frases conhecidas ou de alguns conceitos mais utilizados pelos epígonos, pessoas que leram superficialmente os clássicos do marxismo – possivelmente em edições resumidas ou adaptadas, a partir de Althusser ou de Martha Harnecker, por exemplo – e que se dedicam a vulgarizar ainda mais o que já era uma aplicação superficial, geralmente equivocada, dos problemas políticos e sociais. A partir de uma salada de conceitos – mais frequentemente frases soltas – eles praticam uma apresentação – que sequer merece o nome de análise

– claramente falaciosa dessas questões – quando não de questões de outras realidades sociais– com o uso repetido de um verniz tênue dos conceitos arquetípicos do marxismo. Eu conseguiria classificar vários exemplos da espécie nessa categoria, o que vou, contudo, eximir-me de fazer neste ensaio, que se pretende uma crítica geral de um tipo de comportamento, não um libelo acusatório de pessoas em particular, que de resto reagiriam com as acusações e até mesmo os impropérios conhecidos em “debates” deste tipo.⁵

A academia brasileira, no entanto, já

⁵ Eu mesmo já enfrentei algumas experiências desse tipo, como por exemplo a partir da publicação deste artigo: “A cultura da esquerda: sete pecados dialéticos que atrapalham seu desenvolvimento”, *Espaço Acadêmico* (n. 47, abril 2005; disponível no link: <http://www.espacoacademico.com.br/047/47pra.htm>); ele foi objeto de crítica de um representante da espécie, a que seguiu minha tréplica: “Um intercâmbio acadêmico: a cultura da esquerda em questão”, *Espaço Acadêmico* (n. 49, junho 2005; link: http://www.espacoacademico.com.br/049/49pra_re.htm). Outro “debate”, do mesmo tipo inconsequente, seguiu-se a uma modesta resenha minha: “Marxistas totalmente contornáveis” [resenha de Jorge Nôvoa (org.): *Incontornável Marx* (Salvador/São Paulo: Unesp/UFBA, 2007), *Espaço Acadêmico* (n. 84, maio 2008, link: <http://www.espacoacademico.com.br/084/84pra.htm>), cujos ataques furiosos foram por mim respondidos neste artigo: “Manifesto Comunista, ou quase... dedicado a “marquissistas” à beira de um ataque de nervos (a propósito de uma simples resenha)”, *Espaço Acadêmico* (n. 85, junho de 2008; link: <http://www.espacoacademico.com.br/085/85pra.htm>). Não ignoro, tampouco, as referências altamente depreciativas feitas a propósito de outro artigo meu, no mesmo veículo: “O fetiche do *Capital*”, *Espaço Acadêmico* (n. 83, abril 2008, link: <http://www.espacoacademico.com.br/083/83pra.htm>); os ataques repetidos, na verdade, fornecem amplo material para os argumentos críticos que desenvolvo neste tipo de ensaio.

produziu marxistas de qualidade, embora os mais conhecidos, justamente, não tenham frequentado as universidades na condição de professores – como Nelson Werneck Sodré ou Caio Prado Júnior –, usualmente situados ao lado de outros tipicamente acadêmicos, como Florestan Fernandes, por exemplo. Os dois primeiros, contudo, não podem ser considerados como produtos ou expoentes da academia brasileira, tendo se formado e desempenhado suas funções à margem do *establishment* universitário (muito embora, por suas obras e posturas, eles o influenciaram poderosamente). Mesmo alguns filósofos e sociólogos uspianos – os mais identificados com a corrente – não chegaram a constituir propriamente uma “escola marxista”, já que divididos em orientações diversas e voltados a pesquisas com outras tonalidades (inclusive nas vertentes clássicas da sociologia weberiana ou francesa). A corrente mais conhecida nesse universo, a chamada “escola paulista de sociologia”, não pode ser chamada exatamente de “clubes marxista”. Seu expoente mais visível e conhecido, o sociólogo Florestan Fernandes, esteve primeiro vinculado a correntes funcionalista de análise sociológica para só depois de 1964 impregnar seus escritos de laivos marxistas que se convertem mais em invectivas contra a “ordem burguesa” do que constituem análises objetivas da realidade brasileira.⁶

⁶ Analisei a obra de Florestan Fernandes, de Caio Prado Jr. e de Nelson Werneck Sodré neste artigo: “Florestan Fernandes e a ideia de revolução burguesa no marxismo brasileiro”, *Espaço Acadêmico* (ano 5, n. 52, setembro 2005; link: http://www.espacoacademico.com.br/052/52ff_almeida.htm). Todos os artigos citados previamente encontram-se disponíveis neste

O que restou, finalmente, do marxismo brasileiro depois que os grandes mestres se foram e os existentes já não aderem mais aos preceitos do culto? Infelizmente para o itinerário do “marxismo brasileiro” (desta vez entre aspas), ficaram os acadêmicos mais incultos, no mais das vezes desligados dos requisitos da pesquisa séria – ou seja, dotada de algum embasamento empírico –, pouco afeitos ao raciocínio lógico e menos ainda à análise econômica, e que realizam uma assemblagem heteróclita de frases desconexas, retiradas aqui e ali de alguns textos mais conhecidos (muito raramente lidos no original, ou com base nas edições críticas (como podem ser aquelas do tipo de Maximilien Rubel na *Pléiade* ou de alguns outros exegetas europeus). As tarefas a que se dedicam mais comumente os “repetidores” são justamente essas de um “copy and paste” rudimentar, a repetição cansativa de alguns chavões de aparente filiação marxista e que estão no centro do foi aqui designado por “modo repetitivo de produção”, uma contrafação do que seria um verdadeiro empreendimento marxista digno desse conceito.

3. As forças produtivas do modo repetitivo

Veja, caro leitor, se você consegue compreender o que está realmente escrito neste trecho transcrito abaixo:

Deste modo, o capitalismo global como capitalismo manipulatório nas condições da vigência plena do fetichismo da mercadoria, expõe uma contradição crucial entre, por um lado, a universalização da condição de proletariado e, por outro lado, a obstaculização efetiva

link: <http://www.espacoacademico.com.br/arquivo/almeida.htm>.

— social, política e ideológica — da consciência de classe de homens e mulheres que vivem da venda de sua força de trabalho.

Não entendeu? Não é grave. Tentemos este outro trecho:

Entretanto, ao invés de prenunciar a catástrofe final do capitalismo mundial, a crise estrutural do capital prenuncia, pelo contrário, uma nova dinâmica sócio-reprodutiva do sistema produtor de mercadorias baseado na produção crítica de valor.

Continua sem entender? Experimentou reler? Você não faz a mínima ideia que raios quer dizer “produção crítica de valor”? Não tem importância, mesmo. Para os fins que são os nossos — que não são, exatamente, o de fazer a exegese desse “marquissismo de opereta” —, basta tentar entender como chegamos a esse estado de coisas, a todos os títulos lamentável, na academia brasileira. Quem são, finalmente, os motores intelectuais — se o adjetivo não é exagerado — desse vasto empreendimento de mistificação ideológica e como seus representantes exercem esse papel?

Essas locomotivas autoproclamadas do processo histórico determinista estão representadas, geralmente, por professores universitários das ciências sociais — ou seja, das faculdades de humanidades, num sentido lato —, uma espécie autoreproduzida e autoreprodutora, que se alimenta de seus próprios textos e discursos — e também de algumas propostas organizativas —, com uma outra consulta fugidia aos cânones originais do pensamento marxista (de vez em quando é preciso legitimar o que se vê transcrito acima). Mas poucos, hoje em dia, vão aos textos originais, com a ansiedade com que os “velhos”

marxistas iam, meio século atrás, às fontes do saber científico: as obras escolhidas de Marx e Engels, alguns volumes das obras completas de Lênin, textos filosóficos e de vulgarização de mestres insuperáveis. Eles se contentam agora com alguns pastiches mal traduzidos e mal costurados, onde se sobressaem os nomes de alguns discípulos pouco conhecidos e outros vulgarizadores que já saíram de moda (mas que ainda são citados porque é o que existe nas bibliotecas mal atualizadas).

Não é preciso citar aqui os nomes desses expoentes mais em voga nos nossos museus de cera do marxismo vulgar, embora seja possível encontrar vários deles nas estantes, ou até em congressos acadêmicos alimentados com dinheiro público, o que poderia até gerar algum convite a duelo contra o autor destas linhas. Pode-se ficar, simplesmente, em duelos virtuais a partir de uma consulta aos folhetins que circulam nesses meios do “marxismo redivivo”, especialmente ativo, como mencionado nos departamentos de humanidades das universidades públicas. Sua força de persuasão é, contudo, enorme, na medida em que são responsáveis pela produção dos mestres que se disseminam depois por todos os estabelecimentos, públicos e privados, de ensino.

Eles dispõem de uma audiência cativa: alunos submetidos à ditadura acadêmica do titular da disciplina, que são obrigados a ler os materiais insossos que lhes são repetitivamente recomendados — não é difícil citar os nomes mais frequentes nessa bibliografia ambulante —, e que não desfrutam, os alunos, da faculdade de desafiar intelectualmente a retórica vazia que lhes é servida de forma recorrente já que paira sobre eles a

espada ameaçadora da condenação política e da avaliação redutora. A verdade é que as “forças produtivas” do marxismo vulgar no Brasil nem são tão produtivas assim: eles apenas aproveitam o molde formal do marxismo original para a partir daí construir, com as ferramentas de uma outra época e de outros lugares, suas propostas e argumentos opinativos falsamente revolucionários, em nome de uma utópica sociedade socialista. Não que não possa existir uma sociedade socialista, mas a que vem servida não corresponde a nada do que se conheceu no passado, nem vem explicitada na sua sonhada arquitetura futura: são conceitos vazios, nada mais.

O que menos importa aos representantes do “modo repetitivo de produção” são os dados concretos, aferíveis e verificáveis, dos personagens que eles pretendem descrever em suas perorações: trabalhadores, burgueses, especuladores e *tutti quanti* frequentam suas diatribes em classe e nos textos postados na internet. Não é preciso saber o perfil exato, a composição social e a inserção produtiva, os níveis de renda e a capacitação profissional dessas diversas camadas de proletários e burgueses, dos trabalhadores dos serviços – aliás, um setor considerado improdutivo por Marx – pois o que importa é afirmar sempre o primado da luta de classes e a inevitabilidade de um confronto final entre elas. Tampouco importa saber que a noção de “classe dominante” recobre uma realidade difusa, feita de uma mistura de elites tradicionais, novas lideranças industriais e dos serviços dinâmicos, latifundiários rentistas e capitalistas agrários inseridos no comércio internacional, assim como representantes daquilo que os marxistas de antigamente chamavam de capitalismo financeiro monopolista;

importa menos ainda saber que a tal de vanguarda revolucionária não seja mais composta de batalhões proletários e de pequenos burgueses em ruptura com a velha ordem carcomida, e sim de uma minúscula fração de funcionários públicos (menos na França, claro), muitos encastelados em seus empregos universitários, ou no aparato de Estado (finalmente conquistado), no mais das vezes ocupados em garantir apenas a reprodução de suas próprias “forças produtivas” (com dinheiro público, obviamente).

Para e por que se preocupar em reproduzir a realidade corrente, feita de muitos números, estatísticas complicadas, dados monetários confusos, relações complexas entre tantos agentes econômicos interconectados, quando belas histórias podem ser contadas, bastando encontrar aquela frase de efeito genial do velho Marx, condenando as patifarias do parlamento burguês e o complô sinistro dos banqueiros e especuladores? (Não cabe aqui reproduzir as tiradas recriminatórias de Marx sobre a “idiotice da vida rural”, já que os camponeses sem terra são os aliados objetivos da causa). Para que se dedicar a pesquisas ingentes, para preparar aulas inovadoras, quando os estudantes estão condenados à repetição esperada das mesmas velhas ideias esclerosadas, sem ter condições de reagir à altura e de se revoltar contra as novas idiotices pasteurizadas?

4. As relações de produção do modo repetitivo

O que seria, então, esse modo repetitivo de produção acadêmica que consiste em, como diz o nome, retomar e repetir, mas fora do contexto, os conceitos marxistas mais comuns? Ele consiste, precisamente, numa operação de assemblagem de frases soltas e vazias

sobre todas e quaisquer coisas, geralmente condenatórias do capitalismo (jamais do socialismo), e portanto altamente simbólicas de uma escola vulgar que foi retirada de uma costela (talvez quebrada) do corpo já alquebrado do marxismo. Esse modo repetitivo de produção não chega propriamente a ser um “pensamento”, já que ele pratica o mimetismo e o espelhismo conceituais no mais alto grau de vacuidade substantiva em relação às realidades que ele pretenderia supostamente analisar. Tudo se passa como se estivéssemos em face de uma reprodução especial – pois que dotada do jargão típico da área – desses jogos de palavras que consistem em acoplar substantivos e adjetivos genéricos, intercambiáveis, e que podem ser reagrupados de diversas formas e nas mais diferentes direções, para compor esses discursos laudatórios que podem servir a qualquer ocasião e temática.⁷

Esse tipo de exercício de logorreia vazia já tinha sido denunciado, desde 1948, por George Orwell, em seu famoso ensaio “*Politics and the English Language*”.⁸ Numa vertente

tipicamente acadêmica, veio a ser novamente exposto e dissecado criticamente na famosa denúncia feita por Alan Sokal e Jean Bricmont contra intelectuais franceses e americanos do gênero desconstrucionista, que praticam uma língua franca feita de pastiches aparentemente eruditos (apoiados em alguns autores consagrados do mundo científico), mas que se revelam, ao fim e ao cabo, um total “*non sense*”.⁹

Pode-se dizer, assim, que os “marquissistas” brasileiros são os reis do pastiche e os campeões do “*non sense*”, já que eles também costumam “desconstruir” Marx para recheiar sua logorreia de invectivas anticapitalistas, contra a burguesia e a economia de mercado, exercício que nada mais constitui senão um fluxo de palavras desordenadas, um ajuntamento de perfeitos clichês, segundo uma técnica que bem revela sua incapacidade de conduzir uma análise coerente da realidade, a começar pelo fato de o mercado tão condenado ser o mesmo que gera riquezas das quais resultam seus salários e prebendas provavelmente imerecidos (e não reconhecidos como tais).

E quais seriam as “realidades” do nosso mundo imperfeito que eles pretendem julgar (e geralmente condenar)? São – sem nenhuma ordem, pois isso não tem a mínima importância nesse tipo de exercício pueril – a luta de classes no Brasil; a crise terminal do capitalismo (infelizmente sempre adiada, para

⁷ Não é difícil encontrar, na internet, diversos programas, sobretudo em inglês, que praticam esse tipo de assemblagem de palavras genéricas para a construção de discursos empolados, que recebem a designação geral de “foggy programs”. Noam Chomsky, um típico acadêmico enganosamente prolixo, famoso por suas frases vazias e falsamente progressistas (já que sempre condenatórias do capitalismo e do imperialismo americano), está situado bem no centro dessa tradição de “repetidores” supostamente marxistas; ele já mereceu um inteiro programa dedicado a montar discursos com base em frases sem sentido: <http://en.wikipedia.org/wiki/Chomskybot>; para um exemplo em Português, entre muitos outros, ver este site: <http://www.lerolero.com/>.

⁸ Esse famoso ensaio pode ser lido no original, na internet; em Português encontra-se nesta coleção de escritos: George Orwell, *Porque*

escrevo e outros ensaios (Lisboa: Antígona, 2008).

⁹ Ver, de Alan Sokal e Jean Bricmont, *Impostures Intellectuelles* (Paris: Odile Jacob, 1997); em inglês: *Fashionable Nonsense: Postmodern Intellectuals' Abuse of Science* (New York: Picador USA, 1998); no Brasil foi publicado como: *Imposturas Intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos* (3ª. ed.; Rio de Janeiro, Record, 2006).

desespero dos mais apressados); a dominação imperialista sobre uma sociedade dependente como a nossa (e por extensão de toda a América Latina e o chamado terceiro mundo, ou mais exatamente, a periferia); a aliança objetiva entre a burguesia industrial, os banqueiros e o latifúndio (conceito quase fora de moda, atualmente, pelo virtual desaparecimento da categoria), sempre com o apoio do imperialismo (americano, por certo, mas sobra para os europeus, também)’ até chegar no *nec plus ultra* dessas análises superficiais: o avanço da consciência de classe do proletariado industrial que, sob a liderança esclarecida do partido da vanguarda – eventualmente em aliança com o campesinato, que para isso deixou de ser idiota –, conduziria o conjunto da sociedade a uma situação de ruptura com a velha ordem burguesa, inaugurando assim a construção da sociedade socialista, inerentemente igualitária, justa, baseada na propriedade coletiva dos meios de produção, numa nova organização social e política dominada pelo planejamento centralizado do Estado, o instrumento (temporariamente) redentor e abolidor da exploração do homem pelo homem, que deixaria de existir na futura sociedade comunista. Tudo isso, claro, passando pelo desmantelamento do Estado burguês e da sua democracia formal, e a emergência e a consolidação de uma democracia de massas – participativa, ou direta, como proposta pelo socialismo do século 21, que apresenta bizarras semelhanças com o fascismo – que pode eventualmente redundar na ditadura do proletariado (uma noção herdada de Marx, mas perfeitamente leninista, menos bem acolhida hoje em dia).

Ufa! Parece piada, mas era nisso tudo em que se acreditava piamente alguns anos (talvez décadas) atrás. Que isso

ocorresse numa época de socialismo ascensional – em sua pátria inaugural, na finada União Soviética, e no novo farol da luta de classes, a China de Mao – não era finalmente tão estranho, pois se estava caminhando, a despeito de todos os percalços – a resistência dos capitalistas, a ofensiva imperialista, aquelas coisas perversas –, no sentido determinado pela teoria científica materialista. Se a História estava conosco, quem poderia ser contra nós? A burguesia, evidentemente, e o latifúndio e o imperialismo, claro, mas isso seria resolvido no terreno da práxis, pela luta revolucionária do proletariado (e sua vanguarda acadêmica, alguns ainda por aí).

Tudo isso parece muito Terceira Internacional, eu sei, mas existem ainda alguns da velha geração que continuam a escrever nesse estilo gótico de meio século atrás (eles são, sobretudo, próximos do PCdoB e seitas assemelhadas). Quanto aos mais jovens, alguns já elegeram, marcusianamente (se é verdade que ainda se lê esse tipo de coisa, atualmente), os setores marginais, geralmente adolescentes, para a condição de novos revolucionários aguerridos das atuais rupturas, num estilo certamente diferente dos velhos marxistas do passado: ecologistas (também conhecidos como ambientalistas, mas geralmente sem formação científica adequada), humanitaristas, antiglobalizadores, enfim, uma fauna variada de batalhadores das causas nobres, que coincidem entre si apenas em sua virtual oposição à economia de mercado e às empresas multinacionais (que são as mesmas que lhes dão as ferramentas – celulares, computadores, blogs e sistemas gratuitos de comunicação e de informação – pelas quais eles se organizam e se comunicam, com bastante sucesso,

aliás, pelo menos midiático).

O que dizer, então, daqueles professores que não são exatamente da antiga geração – que ainda lia Marx e os clássicos de maneira séria – mas que agora pontificam atualmente nas academias brasileiras e latino-americanas? Eles tampouco são muito jovens, situação etária que explicaria (mas não justificaria) a inconsciência, a ingenuidade ou a ignorância beata de muitos dos recrutas das causas equivocadas que eles defendem. Pode-se dizer que os mais jovens constituem a massa de manobra de alguns velhos espertos – não preciso lembrar os nomes, pois eles estão em todos os encontros do Foro Social Mundial – que atuam com a audiência que lhes restou, pois não desfrutam – se alguma vez desfrutaram – de qualquer respeitabilidade acadêmica, ou exibem uma “produção” que é basicamente jornalística, sem maior profundidade.

Os representantes principais da espécie, no Brasil, são aqueles que esposam ideias que tinham curso em certas épocas, mas que se tornaram anacrônicas atualmente, e que não veem nenhum problema em continuar defendendo-as, independentemente de todas as astúcias e surpresas da história, que não se cansa de desmentir cabalmente seus projetos cientificamente pré-determinados e suas previsões catastróficas.

5. As contradições insanáveis

Do que exatamente se ocupam as “forças produtivas”, que se apoiam metodologicamente em suas “relações de produção” conceituais para produzir uma repetição interminável de lugares comuns travestidas numa terminologia supostamente marxista? Quais são os problemas, os processos, as contradições estruturais, os conflitos

sistêmicos e as tendências determinísticas que mobilizam a atenção, concentram os esforços, agiram o cérebro dos nossos bravos combatentes das boas causas, opositores da ideologia burguesa e da dominação das classes dominantes? Sendo breve, é isso mesmo que está descrito acima, com destaque para alguns temas e problemas, que aparecem invariavelmente em seus textos, arengas e palavras de ordem.

A burguesia, obviamente, é freguesa habitual, já que ela é a componente mais importante das elites, mesmo se atentarmos para o fato de que a burguesia que aparece nos textos de Marx não tem absolutamente nada a ver com seu equivalente tupiniquim ou latino-americano. Existe também o imperialismo – por certo, bastante diferente do imperialismo europeu colonialista que existia nos tempos de Marx – em suas diversas variantes, mas quando o conceito aparece sozinho, ele representa o imperialismo americano em 99% dos casos (nada a ver, obviamente, com a estratégia atual da China, que ocupa espaços e reproduz o velho comércio Norte-Sul de tempos antigos). A palavra crise não só é uma constante, como constitui verdadeira obsessão, a ponto de legitimar a pergunta sobre algum abuso conceitual: de crise em crise, das crônicas às terminais, a sociedade burguesa e a economia capitalista vêm resistindo bravamente há mais de dois séculos e meio (um pouco menos no Brasil). Quanto ao conceito de capitalismo, pode-se contar com ele em pelo menos 120% dos casos, inevitavelmente vinculado as qualificações esperadas: dominação, exploração, super-exploração, agravamento das condições de trabalho, produtor de desigualdades, de desemprego, quem sabe até fome e miséria.

O curioso – mas isso não vem explicado nos textos dos repetitivos – é que uma minoria de capitalistas vem conseguindo resistir, nos últimos 200 ou 300 anos, a tanta gente explorada, às massas famélicas (bem, nem tão famélicas assim), enfim, às amplas camadas de trabalhadores assalariados que estão invariavelmente e naturalmente em oposição à dominação e a exploração da classe dominante, sobretudo se essas massas são animadas e conscientizadas como esses que fazem parte das “forças produtivas”.

O cenário descrito em seus escritos é sempre dantesco, feito de aumento das contradições (de classe, nacionais, entre países, etc.), de agravamento da exploração (da burguesia, do imperialismo, etc.), de crises agudas, de crises larvares, sistêmicas, fatais ou finais, tudo isso como resultado das contradições insanáveis do capitalismo. Mais curioso ainda é constatar como o capitalismo está sempre sendo corroído por essas mazelas terríveis e, ainda assim, consegue se manter de pé, aliás triunfante, ao passo que o socialismo, que teria conseguido teoricamente superar essas contradições, tenha praticamente desaparecido da face da terra, sobrevivendo apenas em dois lugares miseráveis situados nas antípodas de dois continentes decisivamente engajados nos fluxos de mercado, e colados aos centros mais dinâmicos da economia capitalista. Curioso, também, que não existe nenhuma linha, pelo menos dos repetitivos, que se dedique a explorar essas contradições socialistas e a crise terminal do modo de produção socialista. Trata-se de uma imperdoável lacuna analítica, mas que já poderia ter sido remediada meio século atrás.

Com efeito, se os repetitivos se dedicassem à leitura de algo mais do

que pastiches de Marx, poderiam ter descoberto verdades elementares muito tempo atrás. O mesmo Raymond Aron, em trabalhos dos anos 1950, já tinha constatado que o conceito marxista de mais-valia – que constitui o núcleo central do modelo analítico dos que aderem ao “modo de produção repetitivo” – não é nem materializável, na prática, nem operacional; em outros termos, ele não pode nem ser medido, nem integrado a equações operacionais de micro ou de macroeconomia. Nenhum economista sério conseguiu, jamais, partir da “economia marxista” – se existe algo do gênero – para construir uma explicação das realidades econômicas do mundo como ele é, como tampouco servir-se dela para construir uma “economia socialista” (como aliás já tinha constatado Ludwig Von Mises desde 1920).

Nenhuma das contradições insanáveis do capitalismo materializou-se em qualquer época no seguimento da análise contida nos trabalhos de Marx: nunca houve algo parecido com a “baixa tendencial da taxa de lucro”, que seria provocada por esse processo metafísico que se chama “redução do capital variável na composição orgânica do capital”. Não se conhece economia capitalista consolidada que tenha provocado “pauperização das massas”, e não foi por “exploração da periferia” das análises leninistas e luxemburguianas. Por que os repetitivos nunca se atacaram aos ridículos argumentos de Louis Althusser ou de Jean-Paul Sartre, sobre as “estruturas de dominação” do capital e sobre o “horizonte insuperável do marxismo”? Inversamente, por que os repetitivos continuam a insistir em teses patéticas como a que alerta para os perigos de sua própria situação, aparentemente ameaçados por um fantasmagórico processo de “mercantilização do

conhecimento produzido nas universidades”, quando eles constituem a prova viva de que as universidades continuam a mergulhar na insanidade repetitiva de suas análises alienadas?

Quando é que os estudantes vão se libertar dos grilhões que os prendem a essas múmias do marxismo deformado, a esses dinossauros de eras geológicas passadas, já soterradas por décadas de conhecimento acumulado sobre o funcionamento das economias de mercado? Talvez não aconteça muito rapidamente, nem, conhecendo-se a universidade brasileira, no futuro de médio prazo. É pena: a universidade brasileira, não toda ela, mas várias faculdades de humanidades, vão continuar sua trajetória para a decadência intelectual junto com seus promotores repetitivos; um dia ela se regenerará, mas vai durar um pouco para que isso aconteça. Enquanto isso não ocorre, as falácias acadêmicas vão continuar se acumulando repetitivamente, se ouso repetir. Nada mau para um colecionador de falácias como este que aqui escreve: trata-se de uma garantia de que não faltará matéria-prima para vários ensaios do gênero no futuro previsível.

Referências

Almeida, Paulo Roberto. Falácias Acadêmicas; link para o conjunto de artigos: <http://www.pralmeida.org/05DocsPRA/FalaciasSerie.html>

_____. “Economia política do intelectual”, *Espaço Acadêmico* (n. 63, agosto 2006; link: http://www.espacoacademico.com.br/063/63esp_almeida.htm)

_____. “A resistível decadência do marxismo teórico e do socialismo prático: um balanço objetivo e algumas considerações subjetivas”, *Espaço Acadêmico* (106, março 2010; link: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9502/5321>)

_____. “O fetiche do *Capital*”, *Espaço Acadêmico* (n. 83, abril 2008, link: <http://www.espacoacademico.com.br/083/83pra.htm>)

_____. “Miséria da academia (uma crítica à academia da miséria)”, *Espaço Acadêmico* (n. 86, julho 2008; link: <http://www.espacoacademico.com.br/086/86pra.htm>)

_____. “A resistível decadência do marxismo teórico e do socialismo prático: um balanço objetivo e algumas considerações subjetivas”, *Espaço Acadêmico* (ano 9, n. 106, março 2010; link: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9502/5321>)

Aron, Raymond. *Le Marxisme de Marx* (Paris: Fallois, 2002)

_____. *Mémoires* (Paris: Julliard, 1983)

_____. *D'une Sainte Famille a l'autre: essai sur le marxisme imaginaire* (Paris: Gallimard, 1969)

_____. *L'Opium des intellectuels* (Paris: Calmann-Lévy, 1955)

Beard, Charles A. *An Economic Interpretation of the Constitution* (New York: Macmillan, 1960[ed. orig.: 1913]).

Dobb, Maurice. *Studies in the Development of Capitalism* (London: George Routledge and Sons, 1946)

Orwell, George. *Porque escrevo e outros ensaios* (Lisboa: Antígona, 2008)

Sokal, Alan D.; Bricmont, Jean. *Impostures Intellectuelles* (Paris: Odile Jacob, 1997); *Fashionable Nonsense: Postmodern Intellectuals' Abuse of Science* (New York: Picador USA, 1998); *Imposturas Intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos* (3ª. ed.; Rio de Janeiro, Record, 2006).



* **Paulo Roberto de Almeida** é Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Planejamento Econômico, Diplomata de carreira. (www.pralmeida.org; pralmeida@me.com)